

RESENHAS

Peculiaridades no Brasil

Silvia Hunold Lara

Thompson, E. P. *As peculiaridades dos ingleses e outros artigos*. Organizado por Antônio Luigi Negro e Sérgio Silva. Campinas: Editora da Unicamp, 2001. 286 p.

Numa edição muito bem cuidada, vários artigos de Edward Palmer Thompson, um dos mais conhecidos e controvertidos historiadores ingleses da atualidade, chegam por fim às livrarias brasileiras; o mais velho tem 35 anos, o mais recente só 23. Durante anos, circularam em apagadas fotocópias, feitas a partir das obtidas por algum felizardo que havia conseguido colocar as mãos nas edições originais — entre elas uma revista indiana de estudos históricos um tanto difícil de ser localizada. Depois de algum tempo, apareceram em traduções domésticas e logo chegaram a ser impressas em uma publicação interna do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Unicamp, que ganhou várias edições, sempre revistas, aumentadas e rapidamente esgotadas.

O interessante é que isso não aconteceu apenas com estes artigos. O mais importante livro de Thompson, *A formação da classe operária inglesa*, escrito em 1963, foi traduzido para o português em 1987, 24 anos depois. No mesmo ano, publicou-se também *Senhores e caçadores*, que contava então com 12 anos de existência. Antes disso, uma coletânea com vários artigos polêmicos editada em 1978 fora desmembrada e *Miséria da teoria*, o longo ensaio que dava título ao conjunto, surgira em separado em 1981, numa péssima tradução... Em 1991 temos a publicação, também num português difícil, do artigo “O tempo, a disciplina do trabalho e o capitalismo industrial” (de 1967) numa coletânea sobre trabalho e educação editada no Rio Grande do Sul. Em 1998 foi a vez da cuidadosa edição de *Costumes em comum*, traduzido aos 7 anos de idade. E só.

Mais que uma peculiaridade do mercado editorial brasileiro de livros acadêmicos, este é um balanço reve-

lador. Em *Miséria da teoria*, Thompson entrava em choque frontal com Althusser que, desde os anos 70, gozava de enorme prestígio nas universidades brasileiras. Por esta época, poucos historiadores no Brasil conheciam a obra de Thompson, lida em raros exemplares das edições originais ou na tradução espanhola de alguns artigos (que circulavam também através de fotocópias de *Tradición, revuelta y consciencia de clase*).

Do ponto de vista da historiografia brasileira, no entanto, e apesar da falta de traduções, o impacto da obra deste autor foi enorme. No final dos anos 70, graças a uma produção concentrada de monografias em algumas instituições universitárias, o período da chamada República Velha já havia mudado inteiramente de feição. Não apenas o universo operário do início do século havia sido “descoberto” pelos historiadores brasileiros como sua presença na história revolucionara a pas-maceira da política oligárquica do café-com-leite. O artigo de Paulo Sérgio Pinheiro publicado em 1978 na *História Geral da Civilização Brasileira*, escrito no calor destas transformações, mostra bem o quanto já havia sido feito até ali e a dimensão

dos caminhos que estavam por ser desvendados. Pouco depois foi a vez dos estudos sobre escravidão e abolição, que desaguaram numa mudança radical na abordagem da história social do trabalho no Brasil — que vem rendendo críticas e debates até os dias de hoje.

Entende-se, portanto, alguns dos motivos pelos quais livros e artigos de Thompson tenham sido traduzidos somente a partir do final da década de 1980. Na falta de editoras realmente acadêmicas ou de grupos que consigam espaço editorial para intervir no debate intelectual, as publicações acabam a reboque das transformações, apostando em terreno já trilhado. Mas é de se perguntar, então, por que seus artigos passaram tanto tempo longe da língua patrícia — por que não foram traduzidos e publicados nas revistas acadêmicas que, a partir dos anos 80, começavam a se revitalizar?

Parte da pergunta pode ser respondida por timidez ou dificuldades na negociação dos direitos autorais. Parte pode residir na diferença teórica da maioria dos componentes dos comitês editoriais destas revistas, que se inclinavam para outras escolhas na seleção de temas e artigos. Parte pode vir do modo mesmo

com que Thompson escrevia seus textos: de seu tom extremamente polêmico e de sua argumentação tecida de modo cerrado através das fontes. Afinal, quem teria tanto interesse em detalhes da história inglesa do século XVIII? Quem iria querer se meter em polêmicas tão árduas e ásperas quanto as empreendidas por Thompson?

O conjunto de textos reunidos e editados por Antônio L. Negro e Sérgio Silva é uma bela mostra disso. “As peculiaridades dos ingleses” é um artigo que nasceu de uma intensa briga política sobre os destinos da tradição marxista e as relações entre teoria e história, como réplica indignada a vários artigos de Perry Anderson e Tom Nairn sobre a história do capitalismo britânico e os limites da classe operária inglesa. Mais que uma discordância de interpretações, Thompson expressava também suas insatisfações diante das mudanças na direção da *New Left Review* — a revista criada em 1959 que servia de canal para o efervescente debate político e teórico da esquerda britânica pós-stalinista — e da consolidação do estruturalismo marxista. A reedição deste artigo na coletânea de 1978 foi acompanhada por outros textos de mesma na-

tureza (a já mencionada investida crítica contra Althusser e dois artigos, de 1960 e 1973, também sobre os destinos do marxismo no pós-stalinismo). Textos sem dúvida bastante engajados, cuja compreensão demanda conhecimento de causas e conjunturas. Na edição brasileira de “As peculiaridades”, a tarefa torna-se bem mais fácil pelo cuidado das notas explicativas e por três ensaios introdutórios (dos organizadores e, um deles, de Hobsbawm).

Mais tranquilos parecem ser os outros artigos que integram a coletânea, situados na aparente neutralidade das discussões conceituais (sobre modo de produção ou sobre classe e consciência de classe), da crítica historiográfica ou dos debates sobre as relações entre história e antropologia. Nem tanto, porém. “A história vista de baixo” é um balanço engajado da historiografia britânica sobre a história operária. Publicado num suplemento literário em 1966, o texto está longe do senso comum que costuma entender a expressão como a simples inclusão de “novos sujeitos” na análise histórica. Bradando contra a “História Inglesa Oficialmente Correta”, destaca o vigor da história da classe trabalhadora e do movimento sindical

na Inglaterra, indicando autores, textos, temas, fontes e perspectivas de pesquisa — e o quanto sua análise leva a história social a libertar-se de velhos entraves e chavões. O tema retorna à cena, de certo modo, em “Algumas observações sobre classe e ‘falsa consciência’” — notas sintéticas que apareceram em várias versões, como texto independente ou parte de artigos publicados no final dos anos 70. Aqui, o desacordo de Thompson em relação a outros marxistas reaparece no debate de um aspecto específico, mas cheio de desdobramentos teóricos e políticos: a relação entre conceitos, teorias marxistas e análises históricas.

“Modos de dominação e revoluções na Inglaterra” resulta de um seminário realizado na França em 1975 e publicado em 1976. Novamente reencontramos a crítica aos modelos interpretativos, ao esquematismo e ao reducionismo — agora aplicada na análise da história inglesa do século XVIII. O período é também objeto da análise de “Folclore, Antropologia e História Social”, surgido de uma palestra proferida no Congresso de História da Índia em 1976. Explicando as razões para orientar suas pesquisas para tempos anteriores, em direção aos

costumes e protestos populares do século XVIII, Thompson propõe uma relação renovada com o material recolhido pelos folcloristas e discute em profundidade o lugar dos valores e da cultura na análise histórica.

O tom mais comedido destes ensaios não esconde porém a abrangência da análise empreendida por Thompson nem seu alcance político. Sem dúvida estamos longe da disputa imediata sobre questões teóricas, mas a mesma crítica a uma interpretação histórica presidida pela lógica do capital do final dos anos 60 pode ser reencontrada nestes textos dos anos 70. Ao contrário do turista eventual que passeia por temas curiosos da vida da plebe inglesa setecentista, o historiador voltava-se então para as tradições que informavam as lutas dos trabalhadores: caminhando com eles, retomava o tema das relações entre cultura e economia, e o das lutas de classe numa sociedade em que reinava um aparente consenso social. Caminhando com eles, punha mais uma vez por terra as interpretações defendidas pela ortodoxia e por aqueles que só querem ver consciência ou pensamento político quando a agenda de uma pretensa “missão re-

volucionária” estiver sendo cumprida.

Evidentemente, a atualidade destes artigos é grande. Das críticas ao Partido Trabalhista inglês às polémicas sobre o conceito de classe, a voz deste importante historiador ainda se faz ouvir em alto e bom som. Mesmo depois de mais de uma década da queda do muro de Berlim e quase no refluxo da onda pós-moderna, os debates internos da historiografia marxista ainda não perderam o interesse. Seguindo a tradição radical dos homens e mulheres que estudou ao longo de anos e anos, a indignação de Thompson contra as abstrações teóricas e a ortodoxia pode ser ouvida de diversas maneiras: circunstanciada em seu tempo e como metáfora em conjunturas mais recentes.

A leitura desta coletânea, porém, pode nos levar mais longe que os temas da história inglesa do século XVIII ou da historiografia marxista. O tom inflamado dos debates teóricos e políticos e o mergulho detalhado em rituais estranhos como o da venda das esposas pode também nos fazer pensar no Brasil. Sim: nesta nossa historiografia que teima em ficar acomodada em categorias e paradigmas tão bem arru-

madinhos, que separa escravos indígenas de negros, escravos de operários, e se debruça demoradamente sobre as “transições” de uma condição a outra. Quantas vezes ainda não nos defrontamos com análises que continuam a afirmar a “falta de consciência” dos trabalhadores, a afirmar as “peculiaridades” do desenvolvimento do capitalismo nestas terras, a explicar o “sentido” de nossa história a partir de uma lógica exterior ao conflito de classes? Nos anos 70 e 80 vários historiadores brasileiros investiram contra nossos modelos e paradigmas; hoje as vozes estão mais fracas, perdidas num alvoroço de temas, diluídas diante de novos modismos teóricos.

Se podemos ouvir ainda algumas respostas diferentes para os estudos voltados para os séculos XIX e XX, em especial no campo da história operária, o silêncio tende a ser avassalador para períodos mais recuados no tempo. Para quebrar o bloco de homogeneidades em que se transformou o longo período histórico que nos habituamos a chamar de “colonial” ainda é preciso muito trabalho. Não só uma vigorosa pesquisa empírica, mas um olhar como o de Thompson, que procura por mudanças e transformações ao lon-

go do tempo, que torna significativos os conflitos em que homens e mulheres socialmente diferentes estiveram envolvidos — um olhar capaz de fazer com que os valores, as escolhas e as ações dos dominados ganhem de fato um lugar na interpretação histórica. Assim, talvez um dia possamos nos dar conta de que o “nosso” século XVIII não seja tão distante daquele estudado por Thompson e que o aparente consenso histórico sirva para ocultar a fermentação intensa da vida e das lutas da gente comum.

No caso do Brasil, porém, a questão parece-me ainda mais complexa que a enfrentada pelo historiador inglês: aqui temos que lidar com diferenças de classe associadas a diferenças culturais profundas. Eis o desafio que estas “peculiaridades” provocam quando lidas por historiadores brasileiros. Não se trata apenas de procurar traduções locais para motins de fome ou *charivaris*. Trata-se, isso sim, de investigar, sem as amarras de modelos e esquemas reducionistas, como — ao longo do tempo e em diferentes circunstân-

cias históricas — as tradições de “pretos”, “pardos”, “cabras” e “índios” de procedências tão diversas (e que, literalmente, falavam línguas variadas) se formaram e se transformaram, quais seus significados, suas tensões internas e suas lutas contra os senhores e patrões de então. Mais que isso, trata-se, sobretudo, de perceber *como* fizeram parte da história: como suas ações e seus projetos imprimiram marcas e ajudaram a conformar o mundo em que viveram. Não apenas “novos” personagens a figurar no processo da colonização mas sujeitos sociais cuja ação impôs contornos específicos a este processo. Um desafio que ainda está por ser enfrentado e que, talvez, possa explicar por que até mesmo os artigos mais “acadêmicos” de Thompson sobre os plebeus ingleses do século XVIII tenham demorado tanto tempo a aparecer em português... Nunca é tarde, porém: a lista de outros escritos do autor, oferecida ao final do volume pelos organizadores, contém diversas sugestões para novas iniciativas editoriais.